José Lins do Rego
PUREZA
UM BELLO ROMANCE
José Olympio, Editor

MASCARAS DO MUNDO

JORGE AMADO
MAR MORTO
ROMANCE
José Olympio, Editor

Condêssa du Barry

MME. CÉCILE SOREL

Qual o romance fruto da imaginação que pode igualar o que esta historia nos oferece de imprevisto, apaixonante e inverosimil? Um autor, por mais audacioso que seja, não escreve aquilo que a vida impõe ás pessoas. Parece, mesmo, que dentre os livros são os de contos de fadas os que mais se aproximam da realidade.

Estas reflexões tem-nas o estudioso desta condessa Du Barry, que tanto foi amada quanto calumniada durante a sua vida, e que encontra ainda, mesmo depois de morta, para a rehabilitar ou para a infamar, os espiritos curiosos. O que fazemos, no momento, é conhece-la melhor para render-lhe o tributo de justiça. Desembaracemos a bela favorita das lendas que a assinalaram nos serões da época deturpando sua personalidade. Então compreenderemos melhor por que ela foi mais do que rainha; teremos revelado em sua essencia impalpavel este sortilegio que a fez reinar sobre sua epoca.

Lastimamos aqueles que teem perdido a faculdade de se maravilhar: eles desconhecem da sua existencia, como fator principal para a vitoria, a bondade. Quando uma mulher, nascida do povo, sem fortuna, sem alianças, se tem elevado a classe suprema quando alguma tem sido vitoriosa sobre os descendentes das mais nobres raças, eis aí bem do que se admirar. Para explicar este milagre não se tem encontrado, sinão, gente com um sorriso contrafeito, não atribuindo a sua subida, senão, a meios pejorativos. Oh! Mas se isto era tão simples assim, por que outras, não se teem entregue a mesma aventura? Elas se teem ensaiado, mas, o fato de não lograr sucesso apenas lhes exalta o odio. Isto, por si só, explica toda a literatura mentirosa da época.

* * *

Eu não citarei. Foram pessoas de espirito, elegantes, superiormente inteligentes, e que souberam dar ao seu juizo a côr que mais lhe era agradavel. O feito de Chanteloup, contado por Choiseul, dominou por um momento a historia. Mas, libertados de sua influencia, devemos interrogar, sobre a celebre condessa, os seus contemporaneos desinteressados, cujas opiniões devem ser as mais acatadas.

Ouçamo-los. Primeiro o conde d'Espinchel, que a conheceu antes e depois de sua ascensão:

"Ela era bôa, generosa, diz ele, de uma otima educação, excelente amiga, muito caridosa, e extremamente obsequiosa. Tanto em sua casa como fóra dela, era de irrepreensivel decencia, desmentindo deste modo todas as mentiras grosseiras que a calunia criou em torno dela".

Talleyrand, depois de confronta-la com Mme. de Pompadour, achou-a mais graciosa, mais pura:

"Esta, diz ele, diferia em todos os pontos de Mme. du Barry, que, apezar de menos elevada, tinha uma linguagem muito mais pura. Du Barry tinha os olhos mais meúdos, porem mais vivos; seu rosto era muito bem feito e seus cabelos da maior belleza. Animava a p'estra e possuia o dom de contar com vivacidade".

"Ela tem muita beleza, sobretudo na parte inferior do rosto, nota o duque de Croy. Seus olhos azuis muito abertos, teem um olhar muito franco, que se fixa sobre aquele a quem ela fala e dá a impressão de que ilustra suas palavras. Tem o nariz pequeno, uma boca pequenissima e uma pele de uma alvura invulgar".

"Sois privilegiada da natureza, escreve um amigo, tanto pela vossa beleza como pela vossa bondade; uma e outra não se extinguirão convosco".

O principe de Ligne foi sempre seu amigo. Pouco susceptivel de indulgencia, ele absolve Luis XV de sua fraqueza.

"No ultimo ano de sua vida eu vi o rei todos os dias em casa de Mme. Du Barry. E' singular que aqueles que fazem o que ele fazia o achassem máu, e os máus cortezãos de Mme. de Pompadour, pequena burguêsa arrebatada a seu marido, criam na corrução dos costumes, por uma amante a mais, que possuia um coração bem melhor que a outra, e não decidia a guerra nem a paz".

Mas os proprios revolucionarios, tais como Lecios, Mirabeau, Brissot, afirmavam que sua vida foi dedicada ao amor.

La faute en est aux dieux, qui la trent très belle.

Sob o nome de Elmira, pintam-na assim: — "Elmira recebeu da natura bençãos de beleza em todos os sentidos, em tal porção como nunca se vira. O olhar encantado, não se deixava ficar na expressão da fisionomia; ia encontrar a mesma uniformidade de beleza, no talhe agradavelmente divino, nos braços adoravelmente roliços, terminados por duas mãos voluptuosas. Ela fez um percurso enorme da sua casa para o palacio do rei e não se achou deslocada. Não se mostrava orgulhosa nem humilhava ninguem. Elmira bem mais habil que aquela que lhe precedeu, despreso as historias escandalosas. A maldade fica lograda por si mesma, pois Elmira não presa menos o coração de seu amante e os olhares de seus amigos. Ela não repudia o juramento da posteridade".

* * *

A posteridade somos nós e não é admissivel que ela tenha que lutar contra os nossos preconceitos. Chegou a hora de julgarmos com perfeita equidade. Surge uma moça do povo e o rei se apaixona por ela. Antes de Luis XV todos os reis tiveram favoritas. A que inaugurou a precedencia foi a bela Agnés Sorel, com Carlos VII. Gabrielle d'Estrées é bastante conhecida. La Valiere, tambem que acabou religiosa, como aquela dos nossos dias que tomou o seu nome, e a Montespan, ainda, foram objetos das atenções reais. Luis XV seguindo o exemplo de seus avos, teve as três irmãs Nesles: Mailly, Vintimille, Chateamoux e podemos verificar que todos estes amôres tinham por objeto grandes senhoras ou princesas, nobres ou vivendo na atmosfera. Sem duvida Carlos IX ama uma burguêsa, mas o fez clandestinamente e nunca teve a coragem de apresenta-la. Ora, sob Luis XV, que vemos? Os escritores teem clamado alto pelo direito de igualdade, e é justo que a igualdade seja para todos, grandes e pequenos, na felicidade assim como na desventura. Excluido o rei, do principio? O povo vive com amplitude, entre a familia e a sociedade, com menagem indeterminada; o rei, preso a graves responsabilidades, raramente deixa o paço. Este isolamento, este retraimento, este limite nos quais vive, entediam-no; vive farto da eterna burocracia, deante dos cortezãos insinceros, preso a etiqueta que oprime. Ah! Mas esta tirania sómente pode abranger os seus costumes; a sua alma é livre. Ele se enfara dos lazeres de principe, os mesmos durante seculos. Já como regente, iniciador de varias introduções na vida da côrte, gostava de fugir de sua gaiola dourada, para ir espairecer, lá onde ele se sentisse mais homem, que senhor. Sua audacia era clandestina mas já indicava o seu acentuado desejo de liberdade. Se o reinado de Luis XV foi de grande transtorno moral para a nação, o rei foi um dos primeiros a sentir os seus efeitos. Ele era bem daquela época.

Ele foi um principe encantador de belas feições, maneiras sedutoras, qualidades de que toda a França se orgulha. Se ele esqueceu a rainha foi precisamente porque ela pouco prazer lhe proporcionava. Ele atenta, então, os olhos em volta de si, e se distrai com as damas da côrte. Elas bem cedo lhe enfastiam, ele sente necessidade de outra coisa, de mais ardor, mais originalidade. Então aparece Jeanne Poisson, que ele faz marqueza de Pompadour. Ele a ama verdadeiramente. Ela lhe trouxe um pouco do ar de fora. A Pompadour, efetivamente, com a sua cultura, sua erudição, seu gosto de frequentar os lugares elegantes, o teatro, as "mise-en-scene", suas ideas livres de preconceitos, é o espelho a amostra do espirito voluptuoso do povo francês que caminha para o rei. Amiga dos enciclopedistas, patrona de Voltaire, detestando os jesuitas, ela é a revolução em marcha. O rei em a amando, deixando-se dominar pela sua politica, submetendo-se aos seus divertimentos, pactuou com ela o novo seculo; ele abriria a porta ao futuro, ansioso de se revelar. Ah! esta ascensão desta burguêsa ao trono, que novidade! Iniciado por esta fantasia, o rei, tendo-a perdido, procura dentre as damas da côrte uma capaz de substitui-la. Aquelas que convém, porém, logo desinteressam, são: Mme. d'Esparles, Mme. de Grammont, Mme. de Brionne. Mas finalmente, que outra mulher substituiria Pompadour? Quem viria dissipar a tristeza do rei? Fazer-lhe os caprichos passageiros?

* * *

Eis que surge o caso psicologico da DuBarry. O reinado desta mulher foi um simbolo. Foram precisos seculos afim de preparar sua vinda; foi preciso a quebra do principio monarquico para que o seu aparecimento fosse possivel. Por causa da Pompadour, a burguezia entrou na côrte, por causa da Du Barry, foi o povo. Enfurecendo-se contra o seu belo corpo delicado e sua memoria sem defesa, os revolucionarios calram em contradição com eles mesmos. E' preciso acompanhar esta vida irreal para se fazer um juizo completo.

Bela e pobre, sem proteção, sem defesa, Jeanne Bécu estava predestinada á vida de prazer. Sua origem? Não importa. Seu pai, foi o monge Grimard ou outro? Isto nada adeanta. Ela saiu do povo, é certo e que nasceu de sua vitoria, o seu destino.

Quando sua mãe chegou a Paris, seu parente Dumousseau, interessa-se por ela e não hesita em coloca-la em casa de sua amiga senhorinha Frederic, de onde mais tarde levou-a para interna-la no convento de Saint Aure, para que ela tivesse uma educação cuidada.

Paul Reboux, em seu interessante livro sobre Du Barry, nos faz dela o seguinte retrato:

"E' preciso se recordar a infancia sadia da pequena Jeanne, seus sete anos de permanencia no convento, sua cultura intelectual, seu gosto pela pintura, pela musica, pelas artes, seu amor por sua mãe, e, se se poder dizer assim, sua virtude, a retidão do seu carater, a doçura do seu coração".

Os olhares fascinados dos que a viram crescer revelavam-lhe o poder de sua beleza. Era coquête. Este demonio a atormenta. Quer ser admirada e sabe que um dos atributos da beleza é a toilete. Para a ter, é preciso que trabalhe.

Um negociante de modas que, naquele tempo como hoje, carecia de manequins sedutores, contratou aquele, cuja graça notavel desafiava toda a critica. Temos a jovem Bécu em casa de Labille. Lá ela aperfeiçôa o seu bom gosto de trajar e marca verdadeiro sucesso.

Não é má. E' instrumento de ambiciosos, por conseguinte que uma uma ambiciosa. Adoravelmente alegre, ela ama ouvir galanteios e se entristece dos desejos que inspira. Foi assim que ela foi perseguida por Jean du Barry que viu nela um meio de tirar proveitos de sua beleza. Largada no turbilhão de Paris, precisando de dinheiro, foi que ela conheceu Lebel criado de quarto do Rei. Ele apresentou-a ao monarca entediado. Foi o bastante para seduzi-lo.

Quando Jeanne encontrou-se deante do rei, ao contrario das outras, não se perturbou. Caminhou para ele, envolveu-o nos braços, beijou-o. O rei estava pouco acostumado a estas familiaridades. Nunca tinha experimentado assim o prazer da igualdade. Achou aquela audacia tão deliciosa, foi tamanho o seu prazer, que sómente voltou ao Castelo no dia seguinte á tarde.

Luis XV tornou-se seu escravo. Tornou-se alegre, vibrante. O espirito do povo que Du Barry trouxe consigo para o trono pôs a distancia as formulas antiquadas e os preconceitos hipocritas. Ela levou a Versailles a liberdade de Paris.

Afim de cohonestar a aventura o rei a faz condêssa. Sua entrada em Versailles foi um escandalo? O codigo de costumes foi menos atingido que o da etiqueta. Certamente que inquietou os nobres; os contemporaneos não eram sensiveis tanto como nós a certas quebras da moral. Deante de uma tal contenda a condessa teve provavelmente amigos e inimigos; ela sorria aos primeiros e fechava-se aos segundos. A paixão do rei desencadeia lutas terriveis. Quanto mais atacavam a nova duqueza, mais o rei a adorava. Seus inimigos tentaram levantar a opinião; circularam coplas em que se pretendia diminuir a Du Barry, mostrando a sua inferior procedencia:

La Bourbonnaise,
Arrivant á Paris
A gagné des louis
Chez un marquis,

Pour apanage
Elle avait la beauté.
Elle avait la beauté
Pour apanage.

Mais ce petit trésor
Lui vaut de l'or.

Voltaire, amigo de Choiseul, para lhe ser agradavel, escreveu *La Cour du Roi Petaud*. Mas, sob o veneno das rimas sente-se uma admiração dificil de ser dissimulada.

Lisette, la beauté sédult
Et charme tout le monde.
En vain la duchesse en rougit,
Et la princesse en gronde —
Chacun sait que Vénus naquit
De l'ecume de l'onde.

En vit-elle moins tous les dieux
Lui rendre un juste hommage?
Et Paris, le berger fameux,
Lui donner l'avantage
Même sur la reine des cieux,
Et Minerve la Sage?

Dans le sérail du grand seigneur
Qu'elle est la favorite?
S'est la plus belle au gré du coeur
Du maître qui l'habite
C'est le seul titre en sa faveur,
Et c'est le vrai mérite.

Véde que todas as epocas teem os seus cantores, dispostos a ferir quem os desagrade. São a voz da plebe. Mas nem todo mundo tem a honra de ser cantado por Voltaire.

A estes ataques, como ela responde? Dirigiu uma carta a Voltaire, que é uma obra prima de graça de indulgencia. E' a defesa de um poeta que era acusado de feri-la nas suas canções. Vejamo-la:

"Senhor,

Se sois culpado eu vos perdôo em recompensa da carta que me tendes enviado. Agrada-me a vossa retratação pois ela me assegura de que me haveis calumniado indignamente. Poderieis, porventura, sob o veu do anonimato, dizer coisas desagradaveis do rei, pelo qual como toda a França, professais um sincero amor? E' impossivel. Teriei de bom coração ferido u'a mulher que nunca vos fez mal e que admira vossa inteligencia? Todas estas hipoteses são desarrazoadas. Eu não as podia admitir e atualmente, lendo vossos livros aumento o meu entusiasmo por vos e por vossa obra. Seria muito doloroso para mim ter a certeza de que aquele que eu olho como o maior escritor do seculo está sendo meu detrator gratuito. Isto não é verdade e eu rendo graças á Providencia.

O duque d'Aguillon não nos enganou, quando mandou que eu me encantasse com vossas adoraveis poesias. Eu sou ignorante em literatura no entretanto sou sensivel ás verdadeiras belezas que espargis em vossa obra.

Condessa Du Barry"

Ela possuia bastante espirito e de par com ele uma grande inteligencia, uma fina diplomacia. Teve um pouco de cada coisa. Nunca alguem se dirigiu a ela em vão. Um dia, soube que um jovem soldado havia desertado por amor de u'a mulher; de outra feita, era u'a mãe que ia ser condenada, por uma e outra coisa escreveu ao chanceler: "Eu não entendo de vossas leis, sinto porém, que são injustas e barbaras".

Era boa e simples e compreendia pouco as intrigas da côrte, não obstante, era suficiente ela desejar, para obter. Desprezava as dignidades e fazia pouco das influencias. Era feliz porque tinha o coração do rei, as homenagens dos ilustres e porque os artistas inspiravam nela as suas obras primas. Foi uma grande inspiradora, uma influencia aclamada e procurada pelos grandes homens de sua época.

* * *

O rei adorava-a: longe dela, entristecia-se. Vejamo-lo um momento, um instante recebendo os nobres em audiencia na galeria das Graças. Para esta cerimonia excepcional ele veste o seu traje de veludo carmezim bordado a ouro, sua fivela de diamantes e sua espada de punho de esmeraldas e diamantes. Todos se acotovelam em redor dele, sorrisos, mesuras; ele vai cumprir o seu dever de rei. Mas lembra, de momento, que Jeanne o espera; desembaraça-se dos cortesãos com a recepção em meio, foge. Onde está o rei? Para onde foi? Tomou o seu coche, perfumado por uma presença invisivel; chega a um apartamento intimo e encantador, composto de uma biblioteca e uma sala de estar. Do quarto de revestimento dourado, vê-se o paço. Os moveis de laca, os lustres de cristal, uma pendula um leito dourado sobre um tapete de séda branca. Aí o rei deste o seu pesado e suntuoso manto, toma o robe de chambre florido, calça pantufas, põe um gorro e não é mais, então, sinão Luis — Luis o bem amado.

Jeanne, radiosamente bela, vestindo um deshabille de tecido muito fino, recebe alegremente o seu amado, saúda-o com efusão; ele ri, diverte-se como um destes galatos de Paris... Depois ela cariciosamente lhe diz como é triste esperar, só, nos seus aposentos, por ele, quando se ocupa dos seus despachos, e, com mil gestos de graça, irresistiveis suplica a honra de ser apresentada á côrte, para estar mais perto dele, não mais o deixar; ela o ama; ele é seu rei e seu deus. Ele não pode resistir á suplica: aquiesce; ela será apresentada. Du Barry exulta; dansa, canta; grita de alegre. Que vitoria! Ser apresentada á côrte! Poder viajar, hospedar-se publicamente com o rei, ir a casa do Delfim, a casa das grandes senhoras, andar pelo palacio, receber embaixadores, falar autoritariamente aos ministros...

Jeanne foi digna desta honra. Vejamos as suas memorias autenticas:

"Quinta-feira á tarde, 21, ao regressar da caça o rei anuncia que no dia seguinte haveria uma apresentação á côrte, que seria a de Mme. Du Barry. A' tarde, mesmo, um joalheiro traz a esta senhora uma fortuna de joias. No dia seguinte a afluencia foi das mais numerosas a audiencia real; mais numerosa que a ocasionada pelo casamento do duque de Chartres. A condessa madame Du Barry foi muito bem recebida pelas grandes senhoras, mesmo até com deferencias especiais de algumas. No domingo assistiu ao jantar do rei. Todos os presentes admiraram a nobreza do seu porte e a elegancia dos seus gestos".

Madame Du Barry parecia uma antiga senhora da côrte. Ela triunfa. Reina. Sua vida está transformada. Eis um pequeno quadro de sua vida. Pela manhã, ás dez horas, uma *soubrette* entra no quarto, descerra as cortinas da janella e um raio de sol entra pela peça estilo Boucher. A bela favorita está adormecida. Seus cabellos de ouro, presos por fios de perolas, descansam sobre o seu seio, levemente movimentados pela sua respiração. Os lençoes que lhe cobrem estão em desordem. Zamora, seu crendo etiope, desperta-a. Depois, em seu proprio leito, recebe os artistas, os cortezãos, Brissac, o nuncio do Papa, depois destes, entra Roittiers, o joalheiro, que lhe traz colares de esmeraldas, de perolas, de diamantes, gemas preciosas, para que ela escolha o que possa lhe interessar... ela toma tudo. Depois é a vez de Mme. Bertin que experimenta vestidos faustosos. São pintores e escultores, que veem fixar nas telas e no marmore o seu lindo busto. Agradam-lhe as porcelanas de Sevres. A manufatura real cria rosa "du Barry" que é uma maravilha. Ela quer tudo, toma tudo. Cerca-se de esplendores: baixelas de ouro, toilettes bordadas a ouro. Seus caprichos e sua familia enchem-lhe os momentos. Ela custa ao tesouro menos caro que a Pompadour, no entretanto não teve, como sua antecessora, a mania de construir.

Não teve terras nem edificios. O seu unico bem imovel foi o castelo de Luciennes, mimo de arquitetura, si bem que verdadeiramente de pouca importancia como obra de alvenaria.

Luciennes, construido por Ledoux era um pavilhão de cinco janelas de fachada. O fundo era ornado com um baixo relevo de Lécomte. O interior compunha-se de um vestibulo, sala de jantar, salão, e dois outros comodos; quatro pequenas tribunas eram postas ocasionalmente para os musicos. As pinturas do teto eram de Briard e Fragonard. Tudo era meticulosamente perfeito; e a menor fechadura uma obra prima de ourivesaria. Pode-se dizer que Du Barry creou um estilo, o chamado estilo Luis XVI. Ela reagiu contra as barafundas e as complicações que iam dominando a arte; sob a influencia da escola romana, ela conduziu tudo para a simplificação, a maneira antiga. Seu bom gosto era instintivo, pronto, seguro. Muito se tem falado de suas idéias de liberdade e de seus modos desembaraçados na sua intimidade com o rei. Quando porém, é preciso ela guarda uma atitude digna e correta.

Nas esplendidas festas seu real amante se comprazia de a vêr destacar-se, eclipsando seus inimigos, tal como naquela de Fontainebleau, em que Jeanne mortificou o duque de Choiseul. Ela ria de sua desventura e ele não teve sinão que tornar-se seu amigo. Ele teria consentido, sem duvida, não fôra o interesse de sua irmã Grammont e de sua amante Brionne que, ambas, pleiteavam, em vão, o favor real. O duque pagou sua obstinação com o exilio.

Choiseul desapareceu, seus amigos se indignaram contra a favorita sem imaginarem, sequer, que era á realeza que os seus ataques iam atingir. Para ela nada atentava contra seu credito que durou até á morte do rei. Por este golpe pode-se bem ajulzar o seu coração. Se temos visto esta linda creatura dar provas de sua bondade, porque não dizermos de sua inteligencia, no posto supremo em que o amor a havia colocado, como ia ela se portar nas circunstancias que ia viver? E' preciso convir que ela foi muito paciente. Exilada em um convento, alguns meses, ela se impôs as religiosas pela sua resignação, sua doçura sua piedade. Volta a Luciennes. Os anos que decorreram então foram dedicados a amizade e ao cumprimento dos seus deveres de beneficencia.

Como era ela vista pelos seus contemporaneos? O conde de Cheverny nos diz:

"Morriamos de desejo de conhecer a famosa Mme. Du Barry. Um amigo encarregou-se de convida-la a vir em nossa casa. Ela morava no seu lindo castelo de Luciennes que Luis XV lhe dera e Luis XVI lho conservára. Nós recebemos em casa nossa hospede e sua pequena comitiva. Caia neve quando ela chegou, so em um carro a seis cavalos. Saltou e penetrou o salão com elegancia. Alta, dona de uma beleza perfeita, era u'a mulher encantadora por todos os seus modos. Minha senhora era a unica mulher que assistia tão intima recepção. Mme. Du Barry dispensou-lhe toda atenção. Foi amavel com todos. Em sua conversa fala-nos muito de Luciennes e nos convida a irmos jantar com ela. Seu lindo rosto estava um pouco manchado. Ela nos disse que tomava um banho frio todas as manhãs. Nos fez ver que sob uma larga capa forrada, não tinha senão uma camisa e uma mantilha muito leve. Tudo lhe acenta com elegancia que nunca vi em outra mulher. Em questão que tocassemos, nós duas afim de que vissemos como frio lhe era indiferente. O jantar encantador. Ela nos contou histórias de Versailles. Depois do jantar a conversa foi mais seria. Mme. Du Barry foi de uma franquêza encantadora ao olhar do duque de Choiseul. Ela demonstra pezar de não o ter feito dentre as suas amizades e nos conta as demarches que realizou para atrá-la.

— Eu desejava satisfazer a todo mundo.

Ah! Se o duque de Choiseul tivesse querido me conhecer e não se preocupasse com os ditos de invejosos, ele estaria em seu lugar e eu proporcionaria talvez uns bons conselhos.

A seis horas ela deixou nossa casa, deixando agradavel impressão de bom espirito. Nesse assombro de sobre a parte que ela tinha representado deante de um homem de cerca de quatro anos experimentado em todos os prazeres".

Todo o mundo do seu tempo falava respeitosamente de sua ligação com o duque de Brissac. O amor ardente do duque uma das mais brilhantes da côrte de L... dá prova das qualidades de quem se tinha unido. E como Brissac morreu em Versailles no massacre dos prisioneiros de Orleans. Na manhã do dia em que os assassinos rangeram pela escada seu quarto a cabeça daquele que tanto amára. Mme. Du Barry escreveu á filha do duque, então exilada uma carta cheia de emoção e amplicidade. E a duqueza de Montmorency lhe respondeu com estas palavras:

"Os ultimos votos daquele que amo e lastimo sempre. Ão ... coração, eu vos amarei como ... meu interesse por vós não tem ... sinão com a minha vida".

* * *

A Revolução tanto a condenou uma ação política A que ... dita.

Desde a eclosão da ... do o despreso do Delfim, ... sua fortuna a sua disposição ... obter o dinheiro ela vendeu ... mantes e depositou os seus ... em nome do rei para custear ... necessidades. A condessa ... na nobreza da França que ... se digna dela pelos seus serviços e pelos seus atos. O prodigo ... nerosidade de Luis XV ela ... Luis XVI. Muito maior ... sacrificio, esta mulher ... feliz, indica de todo o ... considera isto um dever de ... pressados os acontecimentos ... pera com dinheiro e com o ... do seu coração na obra contra ... dicionaria. Isto valeu o ... com a ultoria dos revolucionários ... trabalhou contra eles.

Por isto foi á guilhotina. A ... de Mme. Du Barry foi um ... Desde que a foram buscar ... celula.

— Não, não, eu não quero! Eu não ... vou! dizia ela.

Vestiram-lhe á força, o robe ... suplicados. Arabuchaca, a ... pendida, ela se deteve ... reta. Vai morrer. Parece ... ma branco, que surge nas ... grimas correm dos seus olhos ... sua bôca escapam palavras ... articuladas.

— Bons homens, deixai-me ... do povo como vos. Não ... eu morra.

Ela se obsta ao carrasco ... Cai. Geme:

—Meu Deus! Meu Deus!

E ainda:

— Salvai-me, amigos.

Emfim, ao quatro horas da ... o cortejo chega á praça da ... ção. Ela se põe a gritar ...

— Não ainda! Socorro! ...

Deixem-me com vida.

Certamente, ela poderia lastimar ta vida que ela tanto amava ... prende-se que um desgosto ... cado no coração dos espectadores ... é uma prisioneira de Estado e ... lher que se sacrifica.

Mas o cutelo movimenta-se ... A bela favorita penetrou na eternidade.

Ardente e dolorosa figura ... graça maior foi a de amar e ... da por um rei! De seu reinado ... foi o da mocidade, o da beleza ... resta? Temos dela dois retratos ... nos mostram duas idades ... O primeiro, o de Drouais ... juventude. O segundo é o busto ... de Pajou que nos mostra na ... de o esplendor de sua beleza.

* * *

Seu reinado foi o da graça ... tilo o da elegancia. Quantas ... assim, depois de mortas permanecem vivas pelo que fizeram? Quantas ... soas vivas teem esta aureola?

O Tigre da Abolição

Ha paginas da vida tão belas que não necessitam do toque decorativa dos esmaltes — afirmava Aloisio de Castro ao receber Celso Vieira na Academia Brasileira de Letras. Isto cabe perfeitamente bem no capitulo bibliografico brasileiro referente a José do Patrocinio, o Tigre da Abolição. A sua vida, deante da cogitação de um biografo, dispensa o auxilio do romanceado para se mostrar atraente; toda a sua tragedia, toda a sua luta, por si só, constitue material mais do que suficiente para a composição de volumes, para a divulgação em artigos, em conferencias, em estudos. Ação multiforme de homem do povo, temperamento de leader, de agitador, ele teria sido bastante para encher o ultimo decenio do imperio e os primeiros anos da republica.

De procedencia bastarda e humilde — filho de um padre e de uma quitandeira — sem possuir, quer por um lado quer pelo outro nenhum antepassado que justificasse pelo talento a "nebulosa de genio" de que era dotado, pois sua mãe era egressa do cativeiro e seu pai era um cura pobre de inteligencia, não cabe, no estudo da sua formação a justificativa da hereditariedade; Mario de Alencar, que ocupou no Petit Trianon a cadeira patrocinada pelo saudoso jornalista e tribuno mulato disse, na sua posse que "ver-me-ia agora em grandes dificuldades para explicar-vos os indicios da formação do jornalista e do orador no obscuro comercio de uma quitanda e na tranquilidade beata de uma igreja de provincia. A perspicacia devia, quando muito, achar na desenvoltura e, na ginastica de um galopim, o segredo da intrepidez e da pericia do polemista futuro."

A sua combatividade fixou-se em tres grandes campanhas: a da abolição, a da republica e a do governo do marechal Floriano.

Na primeira destas empregou todo o seu ardor; a libertação dos escravos era para ele um caso de honra; transformou-se no vingador da raça de Justina Maria do Espirito Santo, — assim se chamava sua mãe — e não fora de balde que em torno de seu berço, em vez de fadas amigas, desfilaram as sombras e os gemidos vindos das geenas do cativeiro. Armou-se cavalheiro para esta luta. Esqueceu o seu proprio amor ao ideal republicano; e, por este motivo, Silva Jardim, em um violento artigo no "O Paiz" chamou-o de traidor. Patrocinio ao contrario do que se esperava, não respondeu pela "Cidade do Rio" áquilo; apenas disse, aos seus amigos que não era crivel que se quizesse a republica para um país enodoado pela mais negra das escravaturas. Não compreendiam aqueles que o acusavam de traição que, lutando pela abolição Patrocinio estava lutando pelo passo mais decisivo para a queda da monarquia... Aquele dia, 13 de maio de 1888 foi, para José do Patrocinio, até a madrugada do dia 14, o dia de maiores torturas; lutando pela liberdade dos negros ele havia se escravisado a gloria!

Por toda a parte da cidade e do país se multiplicavam as manifestações á sua pessoa. Estava consagrado como o Tigre da Abolição. Não podia mudar um passo sem que não estrugisse um viva, vivas e mais vivas. De todas as manifestações a que mais lhe comoveu foi a dos cegos dirigidos por Benjamin Constant. Os cegos, queriam ver o libertador. Patrocinio quer falar; abre a boca, as palavras não saem; ele debruça-se sobre a mesa e chora... Para aqueles homens que viam com a alma, foi o maior de todos os discursos...

Conquistada a Lei de 13 de Maio, Patrocinio voltou a luta pela Republica. Entrou para a politica. Cumpria-se o vaticinio de um dos seus maiores amigos, João Marques, que no dia da abolição lhe dissera:

— Que belo dia para morreres, José. Nunca mais encontraras outro igual; vais viver muito, porém, meu velho, e vais para a politica... e aquilo emporcalha, meu amigo.

Terriveis foram as lutas que travou da sua "Cidade do Rio", nunca esmoreceu. Proclamada a Republica a sua luta continuou; e rendeu para ele o desterro, por algum tempo, no governo de Floriano, em Cucuí. Quando de lá voltou, anistiado, foi para travar uma das suas maiores campanhas: contra Rui Barbosa; a Aguia de Haya fora seu maior amigo, agora, porem, se encontrava em situação oposta. E o duelo foi terrivel. Rui pela "A Imprensa" e Patrocinio pela "Cidade do Rio". Rui era advogado dos presos politicos implicados no atentado contra Prudente de Moraes. Patrocinio, que tinha devoção por Prudente, não hesitou em atacar Rui, aquele a quem chamara pouco antes de "o maior dos brasileiros" e que fora seu advogado em Cucuí. A saraivada de insultos em cima de Rui era terrivel: as respostas de Rui se faziam tardar; um dia finalmente, na coluna de correio da "A Imprensa" aparecia em negrito uma resposta de poucas linhas: "O sr. F. quer saber por que motivo não respondemos á "Cidade do Rio": é por que as portas de nossa casa não se abrem para negros".

Encerrando a sua carreira de imprensa, Patrocinio entrega-se a um sonho: voar... Foi o ultimo capitulo de sua vida.

"Santa Cruz" era o nome do seu balão. A satira do tempo voltou-se contra ele. E a sua idéa teve o vôo das azas de Icaro; foi curto... O seu balão foi vendido aos pedaços como coisa velha.

Dominado pela molestia, pelos desgostos, abandonado pelos amigos, ele lamentava:

— Eu deveria ter morrido naquele dia. Repara o abandono em que me acho. Eles eram tantos, tantos... Hoje parece que se arreceiam de mim. A miseria faz medo.

A sua morte foi a de um grande lutador. Estava escrevendo o seu artigo diario quando sentiu-se mal; foi para a cama; veiu uma hemoptise. Cuspiu e disse:

— Sangue!

Logo mais outra e ele expirava... O ultimo periodo que escreveu foi: "Já vi um burro suspirar como um justo depois de brutalmente esbordoado por um carroceiro que atestara a carroça com carga para uma quadriga e queria que o misero animal a arrancasse de um atoleiro."

Ele libertava-se naquele momento de um atoleiro... o "Cristo Negro" que nos seus grandes momentos tivera consigo tanta gente, como o Cristo dos Evangelhos morria, agora, no seu Calvário, quasi sozinho... Os que lhe acompanharam até o fim podiam ser contados pelos dedos das mãos.

JOSE' DO PATROCINIO

De Omer MONT'ALEGRE